

São Paulo, 25 de março de 2011.

Ao Dr. Clóvis Francisco Constantino
Diretor Presidente da Sociedade de Pediatria de São Paulo
SPSP

Ref.: Of. N° 4247/2010

Rep. N° 029/10

Em resposta à solicitação recebida da Câmara Técnica de Pediatria do CREMESP, o Departamento Científico de Saúde Mental da SPSP, após análise da literatura, teceu algumas considerações sobre o uso de televisão por crianças menores de três anos que são as seguintes:

1) TV e criança 0 – 3 anos, genericamente:

De modo geral, crianças nesta faixa etária não deveriam assistir a programas de televisão.

Baseamos esta recomendação em dados da literatura científica. A **Academia Americana de Pediatria recomenda que:**

"Crianças menores de dois anos não devem assistir televisão".

Em um estudo norte americano com 2068 crianças de 4 a 35 meses, publicado no Pediatrics em 2004, verificou-se que bebês com menos de 12 meses ficavam 0,9 horas por dia em frente a televisão, de 12 a 23 meses ficavam 1,3 horas e de 23 a 35 meses 2 horas diárias, ou seja, em 70% dos lares as crianças menores de três anos costumavam assistir de 1 a 2 horas de TV por dia. Neste mesmo estudo, através das respostas dos pais, a maioria deles acreditava que a TV e especialmente os vídeos educativos poderiam auxiliar no desenvolvimento das crianças, nestas faixas etárias.

Segundo o autor, Dr. Dimitri Christakis, do Centro Médico Regional de Seattle e da Universidade de Washington:

"Existem milhares de motivos para que as crianças não assistam TV nesta faixa etária".

O hábito de ver TV está associado a maior incidência de obesidade na infância, pela menor atividade dos pequenos e pelo estímulo das propagandas para se consumir guloseimas.

Provoca também maior agressividade infantil, pois a criança costuma imitar os comportamentos observados nos programas. Podem ainda levar em longo prazo a déficit de atenção na fase pré-escolar devido à passividade e nenhuma interação criativa com os programas.

Outros problemas apontados foram dificuldades de concentração, impulsividade, impaciência, confusão mental, distúrbios do sono e dependência da TV.

Este tema sempre foi objeto de muita polêmica, porém, sabemos que o contato desde muito cedo com os pais ou cuidadores, como preconizavam Freud e Winnicott, é o que realmente fará a diferença no desenvolvimento global de uma criança.

O bebê humano vai aprendendo e se desenvolvendo a partir dos repetitivos atos diários dos cuidadores, do toque, do carinho, da fala da mãe ou de quem a atende o tempo todo.

Através do vínculo que se estabelece com os adultos vai adquirindo a linguagem e a significação das palavras e seus conteúdos. O contato com outras crianças também é sempre muito positivo.

A passividade frente à TV prejudica o desenvolvimento da aquisição desta compreensão podendo até mesmo retardar a aquisição da fala. Falta aí a intervenção de um outro.

O colorido das imagens e a movimentação rápida também exercem atração sobre as crianças. Ao se aproximarem muito das telas, podem ficar sujeitas a um prejuízo da visão em desenvolvimento ou ainda ao aparecimento de quadros de agitação e hiperexcitação, chegando a alguns casos de convulsões, como veiculados na imprensa japonesa. Portanto, o cérebro e a personalidade em desenvolvimento precisam de um ritmo moderado e adequado para um bom desenvolvimento neuro psíquico e motor nesta fase.

Na França, por exemplo, existe uma decisão, desde 01/11/08, do Conselho Superior de Áudio Visual(CSA) que determina que as redes de TV não podem editar, difundir ou promover programas destinados especificamente para crianças menores de três anos, valendo também para outras mídias e jogos eletrônicos.

Foi criada uma frase de alerta à população que diz:

“ Ver televisão pode frear o desenvolvimento de crianças menores de três anos, mesmo que os programas sejam dirigidos especificamente a elas.”

2) TV e Criança de 0 - 3 anos no caso do Programa citado:

Não tivemos acesso ao conteúdo veiculado devido ao programa citado ter sido retirado do ar em meados de 2010.

Reforçamos que nos trabalhos citados da literatura científica fica evidente que independente do conteúdo esta não deve ser uma forma de estimulação saudável para crianças nesta faixa etária.

Crianças menores de dois anos, não possuem recursos ou elementos mentais para subjetivar os conteúdos televisivos.

Na idade de dois aos três anos começam a interiorizar e entender o que se pretende delas, mas para isso reforçamos a importância da presença de um outro humano que dialogue com ela sobre o que está sendo visto, evitando uma passividade frente à máquina.

3) Conclusão dos Pais sobre o Programa Referido

Pensamos que as formas como foram divulgadas as propagandas e chamadas do referido programa possam sim, induzir alguns pais a considerarem que deverão substituir ou complementar parte do seu processo educacional, sem maiores conseqüências, como já referidos em estudos no item 1 (em negrito) deste documento.

Durante nossa pesquisa não encontramos trabalhos nacionais como o referido no item 1, porém encontramos um blog da internet no qual, diversas mães manifestam sua indignação com a retirada do programa do ar, pois não só acreditavam que era uma boa ferramenta educativa como também, as liberava para outras atividades enquanto as crianças estavam assistindo o programa na TV.

O endereço do blog é :

<http://meumundoenadamaisevellyn.wordpress.com/2010/05/17/o-fim-da-baby-tv-na-fox-life/>

Acessamos em 25/02/2011.

A partir destas considerações, sugerimos que enquanto Sociedade de Pediatria, deveríamos pensar na possibilidade de através dos nossos órgãos de comunicação e divulgação criarmos também uma recomendação ou frase de alerta aos pais e educadores.

Dra. Miriam Ribeiro de Faria Silveira
Presidente do Departamento Científico de Saúde Mental

Sociedade de Pediatria de São Paulo

Considerando-se o debate internacional e o estágio atual das pesquisas já conduzidas acerca da exposição precoce de crianças à mídia, a sociedade de Pediatria de São Paulo, atenta às novas programações televisivas para as crianças e preocupada com o saudável desenvolvimento na primeira infância, vem posicionar-se publicamente contra esta conduta, recomendando que os pais não permitam que seus filhos menores de três anos assistam à televisão, ainda que a programas especiais para sua faixa etária.

Recentemente esta recomendação, agora adotada por esta entidade representativa de pediatras de São Paulo, tornou-se norma na França. Neste país, o Conselho Superior do Audiovisual determinou que não devem ser veiculadas programações televisivas para crianças menores de 3 anos¹ e, quando estas forem transmitidas, deverão obedecer certas regras, como a inserção de avisos aos pais sobre a nocividade destes programas. Os fundamentos para tal medida encontram assento na manifestação de especialistas no assunto, bem como em declaração oficial do Ministério da Saúde, que indicaram a exposição precoce à TV como fator tendente a favorecer: a passividade, o retardo no desenvolvimento da linguagem, a agitação, problemas relacionados ao sono e à concentração e ainda dependência da tela.

A mesma diretriz - porém adstrita ao limite de idade de dois anos - já se constitui em posição oficial da Associação Americana de Pediatria desde 1999. A entidade inclusive a aponta como norte para orientação realizada pelos pediatras aos pais e mães, traduzindo-a no lema "sem tela para menores de 2 anos" ("no screen for children under two").

A primeira infância (de zero a seis anos) é o momento da vida em que a movimentação se faz mais importante, pois é na brincadeira interativa e no contato real com o mundo e com as pessoas que se aprende e se constrói a própria identidade, bem como se expande a capacidade imaginativa, fundamental para a formação do pensamento abstrato e da inteligência, de uma forma geral.

De acordo com investigações e teorias diversas envolvendo o crescimento infantil, o movimento e o desenvolvimento mental e afetivo estão intrinsecamente relacionados nos bebês, sendo que a motricidade é o fator propulsor desta formação.

A criança de até três anos de idade tem necessidade de se movimentar e de estar em contato real com as pessoas e as coisas que a rodeiam no mundo, pois é através deste contato físico e do estímulo aos cinco sentidos, bem

¹ A deliberação de 22 de julho de 2008, do Conselho Superior do Audiovisual determinou, dentre outras medidas, que as programações televisivas concebidas para crianças menores de 3 anos devem ser veiculadas acompanhadas da informação de que assisti-las antes dos três anos pode ser prejudicial e favorecer a passividade, o retardo na linguagem, a agitação, os problemas relacionados ao sono e à concentração e trazer a dependência da tela.

como à movimentação ativa, que a criança desenvolve seu pensamento, sua afetividade e conseqüentemente o aprendizado.

Neste contexto, as programações midiáticas (televisão e DVDs) para crianças de zero a três anos não são capazes de promover o aprendizado das crianças, já que o ato de assisti-las não ativa nenhuma atividade sensório-motora, nem estimula todos os cinco sentidos. Além disso, antes dos três anos de idade, as crianças não têm, ainda, representação mental estabelecida. É dizer, não conhecem as coisas do mundo e nem as maneiras de representá-las ou de nomeá-las. Assim, a representação de objetos na tela da TV não tem o condão de transmitir nenhuma informação às crianças, pois não tendo elas nenhuma representação mental, não poderão, de fato, aprender nada com esta exposição.

Sobre o assunto, é importante mencionar o fato de pesquisas indicarem que as crianças teriam, em verdade, maior dificuldade em aprender por meio de representações na TV e dificuldade em repetir na vida real o que foi observado na tela. Segundo tais estudos, aprender por meio da interação com uma pessoa se mostrou um meio mais eficaz de conquistar novas informações do que simplesmente observar repetições de imagens e sons na tela de uma TV.

O estímulo oferecido pela televisão se mostra insuficiente para propiciar às crianças, que estão em processo de formação de seu corpo, de seu aparelho psíquico e de seus valores morais e éticos, uma formação saudável. Em verdade, a exposição precoce à televisão, além de não contribuir para o desenvolvimento físico, mental e psicológico, pode de fato prejudicá-lo, trazendo agitação e instabilidade no sono, formando antecipadamente o hábito de assistir à TV e contribuindo para formar, no futuro, crianças passivas e sedentárias, que serão adultos também de pouca iniciativa e com má qualidade de vida.

Estudos indicam que quanto maior tempo se passa em frente à TV quando bebê, mais arraigado se torna o hábito de fazê-lo. Em que pese o fato de que o simples hábito em si pode não ser ruim para crianças acima de três anos de idade, é importante notar que a exposição precoce à mídia tende a promover o excesso desse hábito, fazendo com que a criança permaneça horas diante da tela, conforme adquire mais idade. A exposição excessiva à TV potencializa os efeitos negativos que esta pode trazer à infância, desde conseqüências prejudiciais relacionadas aos programas em si, até a exploração mercadológica dos pequenos, fatores que conjuntamente contribuem para agravar problemas como obesidade infantil, erotização precoce, consumismo na infância e estresse familiar.

Assim, ante todo o exposto, a Sociedade de Pediatria de São Paulo opõe-se veementemente à exposição precoce de crianças à TV e recomenda que os pais não incentivem nem permitam que seus filhos menores de 3 anos de idade assistam à TV.

Referências Bibliográficas:

- The Association Television Viewing and Irregular Sleep Schedules Among children Less Than 3 Years of Age. Disponível para download em: <http://pediatrics.aappublications.org/cgi/content/full/116/4/851> (acessado em 26.8.2008).
- Television's Impact on Children's Reading Comprehension and Decoding Skills: a 3 Year Panel Study. Disponível para download em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0034-0553%28199704%2F06%2932%3A2%3C128%3ATIOCRC%3E2.0.CO%3B2-L> (acessado em 26.8.2008).
- Association of Television Viewing During Childhood With Poor Educational Achievement. Disponível para download em: <http://archpedi.ama-assn.org/cgi/reprint/159/7/614?ck=nck> (acessado em 26.8.2008).
- Early Television Exposure and Subsequent Attentional Problems in Children. Disponível para download em: <http://www.pediatrics.org/cgi/content/full/113/4/708> (acessado em 26.8.2008).
- Prevalence, Correlates, and Trajectory of Television Viewing Among Infants and Toddlers. Disponível para download em: <http://www.pediatrics.org/cgi/content/full/109/4/634> (acessado em 26.8.2008).
- Barr e Hayne - Pesquisa indicada em documento da Zero to Three, disponível em: http://www.zerotothree.org/site/DocServer/media_research_doc_5-24.pdf?docID=281 (acessado em 11/01/2008), página 5.
- Troseth de Loache - Pesquisa indicada em documento da Zero to Three, disponível em: http://www.zerotothree.org/site/DocServer/media_research_doc_5-24.pdf?docID=281 (acessado em 11/01/2008), página 6.
- Linn, Susan. Crianças do Consumo: a infância roubada. Tradução, Cristina Tognelli. São Paulo: Instituto Alana, 2006. Página 77.
- Television and DVD/Video Viewing in Children Younger than 2 Years - Frederick J. Zimmerman, PhD; Dimitri A. Christakis, MD, MPH; Andrew N. Meltzoff, PhD, disponível para download em: <http://archpedi.ama-assn.org/cgi/reprint/161/5/473> (acessado em 31/01/2008).
- Early Television Viewing is Associated with protesting turning off the television at age 6 - Dimitri A. Christakis, MD, MPH; Frederick J. Zimmerman, PhD - Medscape General Medicine. 2006; 8 (2) 63. Posted: 06/01/2006.
- "Media Violence", Committee on Public Education. Disponível para download em: <http://pediatrics.aappublications.org/cgi/reprint/108/5/1222?maxtoshow=&HITS=10&hits=10&RESULTFORMAT=1&andorexacttitle=and&titleabstract=violence&andorexacttitleabs=and&fulltext=tv&andorexactfulltext=and&searchid=1&FIRSTINDEX=0&sortspec=relevance&resourcetype=HWCIT> (acessado em 20.3.2008).

- "Harmful Television Content for Children Violence and Suffering in Television News: Toward a Broader Conception of", Juliette H. Walma van der Molen. Disponível para download em: <http://pediatrics.aappublications.org/cgi/reprint/113/6/1771?maxtoshow=&HITS=10&hits=10&RESULTFORMAT=1&andorexacttitle=and&titleabstract=violence&andorexacttitleabs=and&fulltext=tv&andorexactfulltext=and&searchid=1&FIRSTINDEX=0&sortspec=relevance&resourcetype=HWCIT> (acessado em 20.3.2008).
- "Watching Sex on Television Predicts Adolescent Initiation of Sexual Behavior", Rebecca L. Collins and others. Disponível para download em: <http://pediatrics.aappublications.org/cgi/reprint/114/3/e280?maxtoshow=&HITS=10&hits=10&RESULTFORMAT=1&andorexacttitle=and&titleabstract=TV+&andorexacttitleabs=and&fulltext=violence&andorexactfulltext=and&searchid=1&FIRSTINDEX=0&sortspec=relevance&resourcetype=HWCIT> (acessado em 20.3.2008).
- "The Impact of the Media on Adolescent Sexual Attitudes and Behaviors", S. Liliana Escobar-Chaves, Susan R. Tortolero and others. Disponível para download em: <http://pediatrics.aappublications.org/cgi/reprint/116/1/51/303> (acessado em 20.3.2008).
- "Adolescent Health Risk Behaviors Physical Activity and Sedentary Behavior Patterns Are Associated With Selected Adolescent Health Risk Behaviors", Melissa C. Nelson and Penny Gordon-Larsen. Disponível para download em: <http://pediatrics.aappublications.org/cgi/reprint/117/4/1281?maxtoshow=&HITS=10&hits=10&RESULTFORMAT=1&andorexacttitle=and&titleabstract=TV+&andorexacttitleabs=and&fulltext=violence&andorexactfulltext=and&searchid=1&FIRSTINDEX=0&sortspec=relevance&resourcetype=HWCIT> (acessado em 20.3.2008).
- Informações acerca do posicionamento da Associação Americana de Pediatria: <http://www.aap.org/advocacy/archives/augdis.htm>, <http://aappolicy.aappublications.org/cgi/content/full/pediatrics;107/2/423> e <http://aappolicy.aappublications.org/cgi/content/full/pediatrics;104/2/341> (acessados em 25.8.2008).
- http://www.csa.fr/infos/textes/textes_detail.php?id=126993 (acessado em 26.8.2008).